



Festivais de ginástica: experiências significativas na World Gymnaestrada

Gymnastics festivals: meaningful experiences in World Gymnaestrada

Autores

Tamiris Lima Patrício¹
Fernanda Raffi Menegaldo²
Marco Antonio Coelho Bortoleto²
Michele Viviane Carbinatto¹

¹ Universidade de São Paulo (Brasil)

² Universidade Estadual de Campinas (Brasil)

Autor de correspondência:
Tamiris Lima Patrício
tamirislima@alumni.usp.br

Como citar na APA

Lima Patrício, T., Raffi Menegaldo, F., Coelho Bortoleto, M. A., & Viviane Carbinatto, M. (2025). Festivais de ginástica: experiências significativas na Ginástica Mundial. *Retos*, 65, 86-99. <https://doi.org/10.47197/retos.v65.110420>

Resumo

Introdução: As contribuições sociais, econômicas, educacionais e políticas dos eventos esportivos tem sido um importante objeto de investigação científica. Os festivais ginásticos revelam-se como espaços de convivência, intercâmbio e aprendizagem que podem contribuir para a sociedade contemporânea.

Objetivo: O objetivo deste trabalho foi analisar a experiência de um grupo de Ginástica para Todos na World Gymnaestrada, com particular atenção às relações humanas.

Metodologia: Foram realizadas 16 entrevistas em profundidade analisadas pelo método fenomenológico. As descrições foram organizadas em três unidades de significado, discutidas com base em conceitos da filósofa Hannah Arendt, presentes em sua obra intitulada "A condição humana".

Resultados: *O caráter não-competitivo e a experiência de participação desinteressada* é a unidade que discute a característica demonstrativa do evento, e o quanto a ausência da competição regulamentada despontou uma percepção de abertura entre os participantes, superando uma perspectiva utilitarista sobre o esporte e atividade física. Na unidade *Potencializando o sentimento de pertencimento pela diversidade*, discutimos a proposta "para todos" do festival e o forte sentimento de pertencimento relatado pelos participantes, que afirmam reconhecer-se como parte do grupo e do evento. Por fim, a temática *Vivenciando diferentes relações sociais* aborda a experiência coletiva de participação, discutindo os vínculos já existentes entre os membros do grupo e as outras relações que se estabelecem em função dos espaços-momentos proporcionados pela World Gymnaestrada.

Conclusões: Os resultados evidenciam o caráter coletivo da experiência e seu protagonismo no fortalecimento das relações entre os integrantes, no sentimento de pertencimento e no fomento à diversidade e pluralidade.

Palavras-chave

Eventos; festivais; ginástica; pertencimento; relações humanas.

Abstract

Introduction: The social, economic, educational, and political contributions of sporting events have been significant subjects of scientific investigation. Gymnastics festivals serve as spaces for coexistence, exchange, and learning, offering meaningful contributions to contemporary society.

Objective: This study aimed to analyze the experiences of a Gymnastics for All group at the World Gymnaestrada, with particular focus on human relationships.

Methodology: Sixteen in-depth interviews were conducted and analyzed using the phenomenological method. The descriptions were organized into three units of meaning, discussed through the lens of concepts from the philosopher Hannah Arendt, as outlined in her book "The Human Condition".

Discussion: The unit *The non-competitive nature and the experience of disinterested participation* examines the demonstrative aspect of this event and how the absence of institutionalized competition fostered a sense of openness among participants, moving beyond a utilitarian perspective on sports and physical activity. In the unit *Enhancing the sense of belonging through diversity*, we explore the festival's "for all" ethos and the strong sense of belonging reported by participants, who recognized themselves as integral to both the group and the event. Lastly, the theme *Experiencing different social relationships* investigates the collective experience of participation, discussing the pre-existing bonds among group members and the new relationships formed through the opportunities created by the World Gymnaestrada.

Conclusions: The results emphasize the collective nature of the experience and its role in strengthening social connections within the group, fostering a sense of belonging, and promoting diversity and plurality.

Keywords

Events; festivals; gymnastics; human relationships; sense of belonging.

Introdução

Nas últimas décadas, os eventos esportivos consolidaram o seu papel social na sociedade moderna, transitando da organicidade comunitária para uma gestão profissional realizada por instituições ou empresas especializadas. A realização desses eventos destaca distintos interesses econômicos, socioculturais e políticos (Getz, 2012), tornando-se um importante objeto para estudos socioculturais contemporâneos (Moss et al., 2019).

Os eventos esportivos oportunizam, ademais, experiências sociais associadas ao sentimento de prazer e pertencimento que impactam no âmbito individual e coletivo (del Barrio et al., 2012; Ziakas & Boukas, 2013). De forma mais abrangente, criam e reforçam identidades culturais, como ocorre também, em encontros de motociclistas, festivais de música, festivais gastronômicos, entre outros.

No contexto particular dos festivais esportivos, Wann e colaboradores (2008) apontam que dentre as principais motivações para a participação está o desejo de fazer parte de um grupo. Com efeito, a socialização se mostrou um dos principais fatores motivacionais para a participação em festivais (Bortoleto et al., 2023; Funk et al., 2009) revelando ainda, uma imbricada relação política, econômica e turística que pode ajudar a compreender o desenvolvimento esportivo (Funk et al., 2009; Getz, 2012; Mascarenhas, 2016; Mattar & Mattar, 2013; Mazzei et al., 2020).

Nesse contexto, os festivais de ginástica têm atraído a atenção dos pesquisadores da área (Bortoleto et al., 2019; Bortoleto & Hutchinson, 2023; Carbinatto et al., 2016; Carbinatto & Ehrenberg, 2020; Meckbach & Lundquist Wanneberg, 2011; Patricio et al., 2016; Patricio & Bortoleto, 2015; Patricio & Carbinatto, 2023; Wichmann, 2017, 2020), especialmente aqueles livres de competição institucionalizada e que fomentam a ampla participação em prol da diversidade cultural.

Festivais como o *Deutsches Turnfest* (Alemanha), *Landsstaevne* (Dinamarca), *Sokol/Slats* (República Tcheca), *Swiss Gymnastics Festival* (Suíça), representam, desde o século XIX, dispositivos relevantes para o desenvolvimento da cultura esportiva. Por um longo período, as identidades política e nacional motivaram a promoção desses festivais (Gajdoš et al., 2012; Kaimakamis et al., 2011; Pfister, 2010; Roubal, 2003). Na maioria dos casos, as intencionalidades para adesão e participação nestes eventos se transformaram drasticamente, trazendo outras abordagens que colocam estes festivais em diálogo direto não só com a prática em si, mas com o turismo, com a educação e com o desenvolvimento cultural (Patricio & Carbinatto, 2023).

No início da segunda metade do século XX temos a primeira edição da *World Gymnaestrada* (WG), um festival que vêm sendo organizado pela Federação Internacional de Ginástica (FIG) em parceria com um Comitê Local (da cidade-sede) desde 1953. Com a intenção de promover a diversidade gímnica por meio de um evento não competitivo (Paoliello et al., 2016; Patricio & Carbinatto, 2023; Schwirtz, 2006), a primeira edição da WG teve a participação de aproximadamente 5 mil ginastas de 14 países, com a proposta de apresentações de coreografias de ginástica de forma livre, sem limitações. Desde então, o evento é realizado a cada quatro anos e a XVII edição, que aconteceu em Amsterdã, na Holanda, em 2023, contou com aproximadamente 19 mil ginastas de 56 países.

Neste contexto, este estudo teve como objetivo analisar a experiência de um grupo de Ginástica para Todos (GPT) na edição de 2019 da WG (Dornbirn, Áustria), com particular atenção às relações humanas, experiência que é descrita e discutida considerando algumas das ideias propostas pela filósofa Hannah Arendt.

Relações humanas e pluralidade: como Arendt nos ajuda a pensar a experiência na World Gymnaestrada?

Reconhecendo que os eventos esportivos, incluindo os festivais de ginástica, são verdadeiros “laboratórios sociais”, parece ser que estamos diante de espaços de prática e convivência múltipla, orientados por diferentes objetivos e intenções, e que podem se constituir – especialmente no caso de um evento com caráter prioritariamente demonstrativo – como uma experiência de participação diversa e plural. Considerando esse cenário, encontramos na obra de Hannah Arendt, *A condição Humana* (2020), ideias que nos auxiliam na leitura da experiência de participação na WG – em ambas as perspectivas, coletiva e individual – e, mais do que isso, na compreensão dos efeitos e significados da imersão em um festival ginástico desta natureza. Por estes motivos, adotamos alguns conceitos de

Arendt para fundamentar nossas reflexões sobre o convívio e a experiência social que este evento pode, potencialmente, proporcionar aos seus agentes.

Antes de adentrarmos nos conceitos que versam sobre as relações humanas, cabe transitarmos rapidamente sobre o entendimento de sociedade de Arendt. A era moderna, também chamada pela autora como “nosso tempo” (Arendt, 2020, p. 6), está ancorada na ideia de uma sociedade trabalhadora, constituída por uma glorificação teórica da atividade do trabalho. Entre outros aspectos, esse tempo é marcado pela tendência de normalização de seus membros: deseja-se, mais do que vê-los agir, que eles se comportem frente a um conjunto de regras que mina a “ação espontânea e a façanha extraordinária” (Arendt, 2020, p. 50). Neste nosso tempo – também vinculado ao termo “sociedade de massas” – a ausência de pensamento e a liberdade moderna são protagonistas, atrelados a um “conformismo inerente à sociedade, e que só é possível porque o comportamento substituiu a ação como principal forma de relação humana” (Arendt, 2020, p. 50).

A ação, no entanto, é precisamente, aquilo que “ocorre diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria” (Arendt, 2020, p. 9). Essa atividade da vida activa tem como condição a pluralidade humana, no sentido de que é a dimensão da vida que nos expõe, como diferentes, entre os iguais: “todos são iguais, isto é, humanos, de um modo tal que ninguém jamais é igual a qualquer outro que viveu, vive ou viverá” (Arendt, 2020, p. 10). Justamente por sermos distintos, a ação e o discurso se fazem necessários, já que é por meio deles que podemos, como seres humanos, nos fazer compreender. Como condição da ação, portanto, a pluralidade é o que permite que a nossa vida possa ser entendida como uma vida humana, isto é, uma vida vivida entre pessoas. O agir e o falar são aquilo que nos possibilita distinguir a nós próprios, ao invés de simplesmente permanecermos distintos; a ação e o discurso são “modos pelos quais os seres humanos aparecem uns para os outros, certamente não como objetos físicos, mas *qua* homens” (Arendt, 2020, p. 218).

Nessa esteira, o que Arendt denomina como domínio público se desdobra em duas dimensões (Arendt, 2020). A primeira faz referência à ideia de aparição pública e é entendida como o espaço em que algo ou alguém pode ser visto e ouvido pelos demais, e é associada à questão da aparência ou daquilo que “constitui a realidade”. A segunda dimensão está relacionada à ideia do que é compartilhado entre nós, isto é, o próprio mundo, “na medida em que ele é comum a todos nós e diferente do lugar que privadamente possuímos nele” (Arendt, 2020, p. 64). Profundamente conectadas, essas duas dimensões do público nos fazem pensar na convivência e no que nos permite que, nesse mundo, os sujeitos possam estar separados, mas juntos ao mesmo tempo.

A presença e o reconhecimento da diferença são, portanto, os elementos que parecem garantir que, quando juntos, os sujeitos possam construir a experiência coletiva de forma simultânea à manutenção de sua individualidade: “O domínio público, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo, evita que caiamos uns sobre os outros, por assim dizer” (Arendt, 2020, p. 65).

Arendt nos indica que o que move a vida entre as pessoas é justamente um conjunto de interesses – “específicos, objetivos e mundanos” (Arendt, 2020, p. 227) – que se constituem a partir das experiências no mundo das coisas, do mundo físico que se coloca entre os sujeitos. Esses interesses, segundo a autora, são caracterizados como algo que, literalmente, “*inter-essa*”, que se coloca entre as pessoas “e, portanto, é capaz de relacioná-las e mantê-las juntas” (Arendt, 2020, p. 226). Segundo a autora, esse interesse é o que viabiliza o que ela descreve como um “espaço-entre”, que se instala de formas diferentes no interior dos mais diversos grupos de pessoas.

Esse chamado espaço-entre pode ser compreendido a partir de dois níveis. No primeiro estaria o espaço-entre físico, mundano, e, no segundo, nos deparamos com o espaço-entre constituído de atos e palavras, “cuja origem se deve unicamente ao agir e ao falar dos homens diretamente uns com os outros” (Arendt, 2020, p. 226). Esse segundo espaço-entre, segundo Arendt, não é tangível, já que o processo de agir e falar não se solidifica objetivamente em produtos como na obra (uso) e no trabalho (consumo). No entanto, isso não deslegitima esse segundo nível, na medida em que ele é tão real como qualquer outro produto, já que é nele que se constitui o que a autora nomeia de “teia de relações humanas” (Arendt, 2020, p. 227). Nesse sentido, há uma relação especial entre a ação e o estar junto, fazendo com que ela esteja condicionada ao relacionar-se com o outro; ela não se faz possível no isolamento.

As ideias de Arendt nortearam nossa leitura da experiência de participação na WG, não com o objetivo de encaixá-la totalmente nos conceitos arendtianos acima discutidos, mas com a intenção de pensá-la a

partir destes engendramentos do “nosso tempo”, isto é, considerando as condições e possibilidades da nossa sociedade acerca do desenvolvimento de relações sociais, de interesses comuns, de “espaços-entre” que não só permitam, mas fomentem a pluralidade e a diversidade. Nesse sentido, partimos dos seguintes questionamentos: Os festivais ginásticos se constituem em espaços de inter-esse que possibilitam uma experiência coletiva bem como a manutenção da individualidade? As experiências forjadas nesta participação contribuem para o fomento de interações solidárias, do reforço dos vínculos afetivos e do pertencimento entre os participantes?

Método

Contexto de pesquisa

O programa de sete dias da WG é composto por apresentações em grupo que vão de dez a centenas de ginastas, em diferentes espaços, com diferentes aparelhos (ou mãos livres), figurinos e estilos musicais variados. As formas de participação são amplas: como ginasta; visitante/espectador; líder de grupo; equipe médica; chefe de delegação; dirigentes de federações; voluntário. Todos esses papéis compõem os coletivos que se formam durante o evento, que é amplamente reconhecido como um festival de GPT.

De acordo com a FIG (2023), a prática da GPT se alicerça em 5 princípios (5Fs): *Fun* (Diversão), *Fitness* (Preparação Física), *Fundamentals* (Fundamentos da Ginástica), *Friendship* (Amizade) e *Forever* (Para sempre). Complementamente, esta prática gímnica é conhecida como uma ginástica de participação que pode ser praticada por pessoas de “todos os gêneros, faixas etárias, habilidades e origens culturais” (FIG, 2023). Nesse sentido, a prática não é balizada por um código gestual (denominados Códigos de Pontuação) (Silva et al., 2021), como ocorre nas demais disciplinas sob jurisdição da FIG, como a Ginástica Artística e a Ginástica Rítmica.

O intuito da WG é, portanto, promover um envolvimento entre diferentes nações, construindo pontes entre as diferentes facetas da ginástica (Meckbach & Lundquist Wanneberg, 2011; Schwirtz, 2006). Cientes desse potencial da GPT no que tange à coletividade, ao senso de pertencimento, à inclusão e a outros aspectos do desenvolvimento humano (Wichmann, Menegaldo & Bortoleto, 2023), nos parece que esse festival se torna um contexto potente para refletir acerca de categorias como a diversidade, a pluralidade e a experiência das relações humanas.

Participantes

Participaram deste estudo 16 pessoas com idade entre 21 e 55 anos, todas de nacionalidade brasileira, integrantes de um grupo de Ginástica para Todos vinculado a um projeto extensionista de uma universidade pública na cidade de São Paulo (Brasil), que fizeram parte da 16ª *World Gymnaestrada*, realizada na cidade de Dornbirn, Áustria, em julho de 2019. Destas, 12 participaram como ginastas (um homem e 11 mulheres), enquanto quatro participaram como visitantes/espectadores (uma mulher e três homens). O conceito de visitantes/espectadores, conforme as diretrizes do evento, refere-se a pessoas que ajudaram significativamente o grupo nas atividades do evento, como a organização da agenda e dos aparelhos de ginástica, entre outras ações. Dos 16 participantes, dois eram negros, seis pardos e oito brancos, todos da classe média brasileira. Além disso, 15 dos 16 entrevistados participaram pela primeira vez do evento, configurando uma amostragem na sua maioria sem influências prévias em suas narrativas.

Entrevistas

Esta pesquisa qualitativa consistiu em entrevistas que utilizaram a escolha de fotos e/ou objetos para iniciar a comunicação entre entrevistador e entrevistado. A intenção foi permitir que os participantes expressassem seus pensamentos sobre sua experiência vivida na WG, utilizando a abordagem fenomenológica (Merleau-Ponty, 2018), já que tínhamos como objetivo deixar as experiências serem apresentadas desde o ponto de vista pessoal. Solicitamos, então, que trouxessem para a entrevista objetos (fotos, vídeos ou qualquer objeto em geral) que pudessem representar essa experiência vivida no evento. O uso de um artefato os ajudou a expressar seus sentimentos e emoções e direcionou ao que era relevante para o participante.

A entrevista começou com as questões “Por que você escolheu esses objetos?” e “Conte-me sobre sua experiência na WG”, criando uma atmosfera confortável. Também organizamos perguntas extras, como, por exemplo: “Fale mais sobre essa impressão” ou “O que mais você se lembra?”, que encorajavam o entrevistado a pensar mais sobre determinados tópicos, permitindo-lhes explorar alguns temas gerais e enquadrar suas respostas. As entrevistas foram gravadas em áudio e vídeo, com aprovação do Comitê de Ética (n. 33299620.9.0000.5391) e dos participantes, e transcritas na íntegra. Além disso, foram feitas anotações enquanto ocorriam as gravações.

Cada entrevista durou aproximadamente 45 minutos, totalizando 12 horas de gravações. Cada entrevista foi analisada e uma narrativa com a percepção geral foi elaborada. Este documento foi enviado a cada participante, acompanhado de um termo de consentimento para utilização dos dados que garantiu a sua credibilidade (Member Checking) e reconfirmação da sua participação. Este processo de verificação é descrito como uma fase do estudo em que as pessoas que “compartilham informações” podem recebê-las de volta, com o objetivo de verificar a veracidade do conteúdo (Lincoln & Guba, 1985). Existem diferentes formas de realizar esse procedimento (Birt et al., 2018), e neste caso, optamos pela verificação por meio da análise narrativa (Koelsch, 2013).

Análise fenomenológica

Patricio e Carbinatto (2023) apontam que os eventos esportivos constituem um locus privilegiado da intercorporalidade, ou seja, do entrelaçamento entre percepções subjetivas e significados coletivos. Nesse sentido, as autoras destacam a relevância de incentivar estudos sobre a experiência vivida nesses eventos, pois permitem compreender as dinâmicas que emergem na interação entre os indivíduos e o contexto esportivo, oferecendo uma perspectiva mais aprofundada sobre como os sujeitos experienciam e atribuem sentido a essas vivências no âmbito social e cultural.

Para contemplar tal subjetividade, foi adotada a Análise Fenomenológica, que é justamente construída pelo ato de “suspensão” dos pesquisadores, o que significa que devemos “manter certa distância” para enxergar aquilo que nos é comum, de maneira a evitar informações “dadas como certas” para poder descrever as características essenciais das experiências vividas. Como propõe Sokolowski (2014), “para contemplar o que é ser um participante do mundo e como as coisas se apresentam a nós” (p. 48). Desta forma, seguimos os passos propostos por Giorgi (1985) e adaptamos ao nosso contexto:

- a. Reunimos as descrições puras das experiências dos participantes.
- b. Realizamos uma leitura atenta de cada descrição para se ter uma ideia do todo.
- c. Relemos com mais profundidade as descrições para identificar as “unidades de significado”, que captaram aspectos específicos do todo.
- d. Realizamos mais leituras aprofundadas desses discursos.
- e. Organizamos as unidades de significado de cada participante separadamente.
- f. Identificamos cada unidade de significado observando semelhanças e diferenças.
- g. Elaboramos uma descrição geral da(s) estrutura(s) da experiência, com o objetivo de deixar ‘os fenômenos falarem por si’.

Considerando as particularidades deste estudo, ressaltamos que a Análise Fenomenológica se revela especialmente frutífera quando articulada ao pensamento de Hannah Arendt, dado que ambas as abordagens convergem na valorização da experiência vivida e na singularidade da condição humana. Enquanto a fenomenologia busca compreender a essência de um fenômeno a partir das vivências subjetivas, Arendt enfatiza a pluralidade e a ação como expressões fundamentais da existência humana no espaço público. Essa articulação permite investigar como os sentidos atribuídos às experiências individuais dialogam com a esfera da ação coletiva, contribuindo para a construção do mundo comum e para a reflexão ética sobre a responsabilidade humana. Assim, a intersecção dessas perspectivas enriquece a análise desta investigação ao integrar dimensões subjetivas, sociais e políticas da experiência.

Confiabilidade

Para garantir que os dados utilizados neste estudo refletissem e descrevessem com precisão os pensamentos expressos durante a coleta de dados, um “amigo crítico” foi convidado a seguir os passos metodológicos (Stenhouse, 1975). O “amigo crítico” tinha mais de dez anos de experiência na GPT como treinador, pesquisador e gestor, e já participou de duas edições da WG. Seu papel foi emitir *feedbacks* sobre as descrições providas das entrevistas, sugerir temáticas nas unidades de significado e alertar sobre a análise fenomenológica necessária do pesquisador principal.

Resultados

Após a análise fenomenológica, as descrições foram organizadas em três unidades de significados – as quais apresentaram temáticas híbridas, ou seja, que se relacionam e se retroalimentam –, em que buscamos dialogar com as ideias de Arendt (2020) apresentadas anteriormente.

O caráter não competitivo e a experiência de participação desinteressada

No que se refere às características que permeiam a GPT (FIG, 2023; Toledo, Tsukamoto & Carbinatto, 2024), a essência da participação se mostra como ponto chave nessa prática gímnica institucionalizada pela FIG. Embora a instituição promova um evento também de GPT com características avaliativas (*World Gym for Life Challenge*), a WG coloca em foco a participação em si, uma proposta mais atrelada à experiência do participar/apresentar do que ao desempenho, sem a realização de avaliações regulamentadas por um sistema de arbitragem ou valoração objetiva das performances, o que resulta na ausência de um *ranking* ou classificação dos grupos e de suas respectivas coreografias (Bento Soares & Schiavon, 2022).

Nesse sentido, as possibilidades de apresentação dos grupos na WG são variadas: a) *Group Performance*: apresentações nos ginásios; b) *City Performance*: apresentações em palcos instalados em pontos turísticos da cidade-sede; c) *World Gym*: coreografias de grande área criada pelos organizadores, cuja participação é aberta para todos os inscritos no evento e feita mediante inscrição prévia; d) Noites Nacionais: festivais organizados por uma federação ou grupo de federações, geralmente realizados em grandes ginásios; e, e) FIG Gala: Noite de gala promovida pela FIG, composta por grupos convidados de diversos países.

Entre estas várias alternativas, o que percebemos é que nenhuma destas propostas envolve recompensas para além da satisfação, do reconhecimento do público, do conagração com os companheiros de grupo e demais participantes, ou seja, da experiência do apresentar-se. Não há prêmios que consagrem as “melhores performances”, como as medalhas, por exemplo. Com isso, não estamos negando que diferentes nuances competitivas estejam presentes de forma implícita nesta participação (como as comparações informais entre diferentes grupos), mas nos parece certo afirmar que, neste evento, a competição não atua como protagonista (Menegaldo & Bortoleto, 2022). Essa característica do evento chama a atenção dos participantes, pois permite uma dissociação de outras experiências esportivas que normalmente envolvem o objetivo competitivo.

Jordan (ginasta): Tá... pra mim, o evento é uma experiência única de confraternização de diversos países. Não tem um fim competitivo, mas com o intuito ginástico. Então, você vai ter essa grande festa da ginástica, festa da alegria de fazer a ginástica no sentido de Ginástica para Todos. Não é uma ginástica necessariamente de performance de alto rendimento, e que você tem a oportunidade de compartilhar a vida com outros integrantes do seu país e com os integrantes dos outros países, conhecendo melhor a cultura que será a sede, que no caso foi a Áustria. É isso!

Victoria (ginasta): Aí eu explico que Ginástica para Todos não é só isso, que é uma mistura de todas as ginásticas e que qualquer pessoa pode praticar, não precisa ser atleta, fazer acrobacia. E uma pessoa de idade pode participar e uma criancinha pode. E falo do evento também! Que é um evento que não é competição, que é o mundo inteiro. Como se fossem as Olimpíadas, mas sem competição. Que o mundo inteiro, que a gente interage com o mundo inteiro...

O caráter não-competitivo parece potencializar o conagração entre os participantes do evento, constituindo uma experiência festiva (Patricio & Carbinatto, 2021). Isso parece alterar, por conseguinte,

as intencionalidades dessa participação e faz com que os sujeitos despendam tempo e energia para a execução de suas performances durante o festival – que são, a princípio, o objetivo maior do evento associado a prática da ginástica – porém, sem fazer desses momentos a única e principal ação de participação no evento. Desta maneira, poderíamos pensar que apenas o apresentar-se parece não ser suficiente para configurar a experiência durante um festival ginástico como a WG, uma vez que a convivência com seu grupo, a exposição e contato com outros participantes e as diferentes situações que exigem trocas comprometidas no interior dos grupos configuram, na fala dos entrevistados, uma parte com peso igual se não maior do que a própria performance: *“Não vale medalha, não vale nada, mas não sei se isso importa mesmo, né? O que isso significa é que você está ali com as pessoas, e é isso que importa!”* (Akanni, acompanhante).

Nesse sentido, a WG se configura como um evento não-competitivo e de integração, promovendo o sentimento de socialização, e que se desdobra no que podemos denominar de encontro “desinteressado”. Quando utilizamos o “desinteressado”, estamos nos referindo ao fato de que o bem comum almejado pela participação no evento é desprovido de um único interesse, produto ou recompensa que seria comum ao contexto esportivo – uma classificação, a superação de uma marca ou até uma medalha. A ausência desta recompensa tangível causa um estranhamento, inclusive entre os próprios participantes, especialmente por uma associação que é construída socialmente – sobretudo no esporte – acerca da utilidade (Bento, 2013; Sobreira, Nista-Piccolo e Moreira, 2020).

Sobre essa expectativa, exemplificamos os relatos dos entrevistados sobre a necessidade de enfatizar o caráter participativo da WG para seus amigos e familiares, quase que como para justificar o grande investimento para tal participação, já que o objetivo maior é “apenas” participar. Nos parece, portanto, que a sociedade tem dificuldade em compreender a grandiosidade de um festival esportivo não-competitivo, ou em outros termos, desprovido de uma intencionalidade/utilidade pré-estabelecida socialmente para este contexto – cenário que corrobora análises sociais mais abrangentes como a de Dardot e Laval (2016), fundamentada na ideia de uma racionalidade neoliberal.

Shakira (ginasta): E é isso! São apresentações! E eu também deixo bem claro que a gente não compete, porque muita gente ficou dando parabéns (rindo). E aí eu falei: “não! Não é competição!” Não é. Lá todo mundo só vai representar, vai se apresentar e a intenção é essa. Assim, não tem nada de querer ser melhor que o outro não!

Por fim, essa temática nos desperta para uma discussão que envolve a intencionalidade e, portanto, a motivação para participação em grandes eventos esportivos (Buning & Walker, 2016; Coleman & Sebire, 2017), especialmente quando tratamos de eventos destituídos de competição. Assim, vale reforçar que as passagens dos entrevistados que mencionam este aspecto não revelam que a participação na WG é desprovida de intencionalidade. Revelam, na realidade, que a partir de uma configuração distinta e da ausência da competição em sua forma tradicional no contexto esportivo, é possível a participação com diferentes intencionalidades – desde a performance, passando pelas relações humanas, pelo interesse e curiosidade em conhecer pessoas, culturas e até mesmo lugares, retomando com este último a força do turismo esportivo (Getz, 2012; Patricio & Carbinatto, 2023; Wichmann & Jarvis, 2014). Tudo isso, portanto, faz com que a WG possa ser considerada também como uma experiência esportiva com caráter desinteressado, o que nos ajuda a compreender o forte vínculo entre a GPT – prática que fundamenta a WG – e o lazer (Domingues & Tsukamoto, 2021).

A diversidade em cena: potencializando o sentimento de pertencimento pela diferença

Como evento de GPT cujo objetivo é a promoção da diversidade da ginástica, a WG reúne participantes de diferentes países/localidades/culturas (FIG, 2023; Patricio & Carbinatto, 2023). A participação massiva, de quase 20 mil pessoas, não obedece formalmente a um Código de Pontuação (Silva et al., 2021), o que culmina na maior diversidade dos participantes – de idade, de gênero e até de experiência/habilidade ginástica – e, conseqüentemente, das coreografias apresentadas. Nesse sentido, é certo dizer que a GPT oportuniza diferentes formas de praticar ginástica (Bento-Soares & Schiavon, 2020), e que seus eventos refletem uma enorme mistura de corpos, técnicas e gerações, viabilizadas pela ausência de regulamentos e de categorizações (etárias, por sexo, por níveis de performance) (Menegaldo, Bortoleto & Mateu, 2023).

Dessa forma, é possível pensar os dias de realização do evento não só como um festival ginástico em sua característica mais literal – o fazer gímico e o apresentar-se –, mas também como um ambiente de



imersão nessa convivência com colegas, no contato e troca com pessoas distintas, na contemplação e experiência estética proporcionada também pelo assistir e pelo observar corpos, movimentos, enredos e composições tão variadas: *“Lá todos são iguais, apesar dessas diferenças, todos estão unidos por uma coisa! Então, acho legal o evento”* (Shakira – ginasta). É nesse sentido que a participação em um evento como a WG pode despertar um olhar mais humano para as diferenças, a partir do reconhecimento do outro: este “ser igual e ser diferente” é algo que nos remete, justamente, ao conceito de pluralidade de Arendt (2020): *“É um evento que cada um vai com aquilo que tem... nada seu, que é nada, que as pessoas falam assim ‘isso é nada!’, lá é potência! Que cada mínimo detalhe teu, assim, do que você sabe, e não precisa ser só de ginástica, é usado”* (Cecília – ginasta).

Alekena (ginasta): Assim, de estar participando, de fazer parte, de estar ali, com todo mundo junto, cada um com suas potencialidades, suas qualidades, com suas dificuldades para chegar até ali, todo mundo unido, com seus grupos, praticando, né? A gente vê que a partir de uma prática, de uma prática corporal, de uma atividade física, de um esporte, tudo o que pode conectar as pessoas, a partir de um estímulo, de alguma coisa assim... isso para mim foi marcante, pensar a importância dos eventos, da prática em si, dos grupos, de desenvolver tudo isso...

O formato do evento, ou seja, as várias possibilidades de atuação durante o festival, também pode contribuir para reforçar um movimento de “reconhecer-se” como grupo, fundamental para o sentimento de pertença. Analisando a fala dos entrevistados nessa perspectiva, parece ser que, ao serem expostos ao diferente, os integrantes do grupo se reconhecem ainda mais no interior de seu coletivo. Apontamentos similares foram realizados na tese de Wichmann (2014), que também colocou em evidência questões relacionadas ao reconhecimento social (Wichmann & Jarvis, 2014), além do comprometimento e das questões identitárias (Wichmann, 2015). Em concordância com os relatos, o dinamismo do evento, seus milhares de participantes, as atividades simultâneas são características que intensificam a participação, no sentido de incentivar constantemente o contato entre pessoas de diferentes países, idades, gêneros, culturas, que se disponibilizam para a interação – para uma conversa, para uma troca de objetos que representam os seus respectivos grupos ou países, e até para a exposição a um novo idioma, por vezes sem nem saber falá-lo direito:

Victoria (ginasta): E aquela coisa de trocar sem saber falar inglês! Sem saber se comunicar com a palavra, mas com o gesto. E essa troca é muito legal! Não é só troca de material, é troca de experiência, de amor, de carinho. Porque está todo mundo vivendo a mesma coisa! Então isso é muito grande! Muito bacana!

Akanni (acompanhante): É isso! Eu não sei se as Olimpíadas, se a Copa do Mundo, se qualquer tipo de encontro, cumpre essa função. Mas eu acho que o que a Gymnaestrada faz. É um negócio de você se sentir pertencido a um negócio que hoje simplesmente a gente não sabe mais! “Eu pertenço a humanidade!”. Isso é absurdo, é grande, é abstrato tal. Quando você está na Gymnaestrada, eu senti que aquilo fazia sentido! Então eu participo, eu tenho uma função aqui! Eu preciso conversar!

Fazer parte, neste contexto, está associado à participação coletiva, ao interagir e ao relacionar-se e, gradualmente, forjar um imaginário que contribui para que os participantes se sintam pertencentes ao “seu” coletivo. Nessa esteira, as falas reforçam um sentimento de imersão, o que despertou nos participantes uma vontade de compartilhar ativamente, de aproveitar as oportunidades que o festival oferece de diálogo, de troca e de partilha – não só com seus companheiros de grupos, mas com os demais participantes. Esse desejo de envolver-se nas diferentes dinâmicas do evento parece ser uma das maiores potências desses festivais: ocasiões configuradas fora do nosso cotidiano, que propiciam ações humanas desinteressadas motivadas principalmente pelo sentimento de congraçamento (Meckbach & Lundquist Wanneberg, 2011).

Akanni (acompanhante): Uma coisa. Eu voltei de lá e falei: “É inconcebível, Akanni, que você não saiba mais línguas!”. Por que como é que você vai entrar em contato com outra pessoa? Falando a língua dela, ou ela falando a sua língua. Então, quanto mais línguas você souber, pelo amor de Deus! (...) Para trocar! Porque, é uma troca descompromissada, né? As pessoas não estão disputando alguma coisa ali, não estão disputando, sei lá, visibilidade, pontos para um outro torneio, que vai dar acesso. As pessoas, muitas delas. A gente, por exemplo, que vem da América Latina, a gente vai com muita dificuldade. E aí, chegar lá e poder experimentar tudo isso nesses, seis, sete dias, é... Não é realização, não é conquista a palavra ainda, mas é algo muito grande! É, de verdade, você poder voltar e poder falar: “eu faço parte de algo”. Tanto que quando eu voltei, eu voltei com um senso de urgência muito grande, de emergência de ver as

coisas. Às vezes eu... Antes, eu sempre colocava o trabalho em primeiro lugar. Eu voltei falando: “Gente! Vem para casa! Vamos beber, vamos nos encontrar!” Porque foi o que eu senti lá! Essa coisa de “a gente precisa falar mais, a gente precisa se encontrar mais, precisa...” Projetar, pensar, planejar, é... Criar mais juntos! Mas, é isso! Criar mais juntos!

Diversos depoimentos destacam a participação na WG como um encontro da diversidade, indicando que nos múltiplos espaços (ginásios, campos, refeitórios, alojamentos, etc) diversas nacionalidades se encontravam, conformando em uma grande festa. Cada participante, vestido com as cores de seu país, do seu grupo, se mostrava orgulhoso de si e, ao mesmo tempo, de todos que ali estavam. Os discursos indicam que esta participação aguçou o sentimento de pertença – eu pertencço ao evento, eu pertencço ao grupo, eu pertencço ao meu país. O apreço pelo crachá do evento, por exemplo, trazido pelos entrevistados (9 deles), indicou uma forte associação entre a participação na WG e sua nacionalidade: o fato de estarem com suas credenciais faziam com que eles se sentissem também parte de algo maior. Parece que, como menciona Schutz (1962), os símbolos, como a credencial, podem apresentar-se como maneiras de demonstrar como o que percebemos é disponível às outras pessoas. Um ponto fundamental desses símbolos é que eles retratam ideias e inter-relações experienciadas em diferentes realidades no cotidiano.

O sentir-se parte neste contexto, embora despertado pelo uso de um objeto, está vinculado a um pertencimento formal – “fazer parte da delegação” – mas, também a um pertencimento subjetivo, simbólico, que parece ser despertado justamente pela diferença – pelo contato com outros grupos, outros países, outras línguas, outros costumes. Nesse sentido, o reconhecer-se está vinculado ao reconhecer os demais. Ao olharmos este movimento pela lente arendtiana, lembramos que tanto a ação, quanto o discurso somente ocorrem “entre” os homens que se revelam entre si, aportando seus conteúdos objetivos. Os interesses, no sentido daquilo que os “inter-essa”, relaciona e interliga os homens, fazem com que a ação e o discurso tomem o papel de mediação constituída de atos e palavras (Arendt, 2020) e, portanto, totalmente dependentes da pluralidade.

Um bom exemplo entre as situações que parecem potencializar este pertencer são as trocas de objetos. O famoso “change” representa a “linguagem universal” do evento para tratar das trocas de peças dos uniformes entre os participantes. Reconhecida quase como uma “tradição” do festival, a troca de objetos que carregam as nacionalidades parece ter um papel no discurso dos participantes que vai além da troca no sentido material; trocar ou até mesmo ganhar um objeto neste contexto representa uma forma de abertura, de reconhecimento do outro, mas também, e principalmente, do reconhecimento de si, enquanto alguém que integra, representa e é visto como algo maior do que sua individualidade. Dessa maneira, temos mais uma situação de interações objetivas entre diferentes pessoas que, na visão dos entrevistados, desencadeiam e contribuem para esse sentimento de pertencimento. Isso corrobora com o fato de que possíveis “produtos” da ação dependem “inteiramente da pluralidade humana, da presença constante de outros que possam ver e ouvir e, portanto, atestar sua existência” (Arendt, 2020, p. 116).

Vivenciando diferentes relações sociais

Algo que amarra os temas até aqui apresentados e constitui uma discussão relevante no cenário da prática da GPT é a intensa convivência entre os participantes durante o evento, principalmente entre membros de um mesmo grupo e, por conseguinte, as relações que se estabelecem entre eles em diferentes momentos e atividades ao longo da semana. Sobre isso, dois aspectos parecem ser essenciais para compreendermos essa “teia de relações” que se estabelece – fortalecendo e, por vezes, testando, as relações cotidianas já existentes entre os integrantes (Menegaldo, 2022; Oliveira, 2023).

O primeiro está relacionado à estrutura do evento, que exige que cada grupo realize muitas atividades coletivamente. Junto, o grupo compartilha desde momentos de ensaio, performance e outros espaços de participação oficial no evento (por exemplo, a Cerimônia de Abertura) até ações mais ordinárias, por vezes “invisíveis”, como acordar, tomar café da manhã, se preparar para apresentações, deslocar-se aos locais do evento, organizar os materiais do grupo, celebrar momentos e confraternizar. Assim, participar da WG como membro de um grupo requer, em geral, que os integrantes se relacionem de forma íntima (Patrício, 2021).

Dessa forma, a experiência de participação coletiva pode produzir a aproximação de vínculos já existentes entre os participantes de um grupo, além do surgimento de novos vínculos que podem ser constitu-



idos por meio de todas essas situações. O traço cooperativo que caracteriza o fazer gímnico da GPT parece, portanto, se estender a outros momentos para além da performance coreográfica (Menegaldo, 2022; Randolph et al., 2024). Neste ponto, temos o segundo aspecto importante dessa convivência permitida pela WG: as duas faces desse intenso “estar junto”. A experiência coletiva de participação no evento é, por um lado, construída por situações positivas, momentos alegres e satisfatórios, mas também por situações de discordância, de dificuldades ao relacionar-se, e, às vezes, de enfrentamento de problemas e conflitos mediante situações adversas. Dessa forma, o “estar junto” provocado pela intensa participação no evento exige dos participantes o exercício constante de habilidades sociais (Sennett, 2012), como a comunicação e a empatia.

Alana (ginasta): É que o evento não são só apresentações, né? Tem um momento... Porque a gente se apresenta em um espaço curto. A nossa coreografia é bem rapidinha! Mas é todo um processo de acordar, de tomar café junto, de se arrumar junto, de ir junto para o lugar. Acho que isso prepara o grupo na hora do se apresentar, porque é preciso ter essa ligação!

Iris (ginasta): Eu acho que a percepção de sempre estar atenta com o outro. De às vezes saber que não pode falar uma coisa, digo na linguagem, né? Da pessoa, mas com gesto, ou sem falar nada você pode ajudar aquela pessoa de alguma forma e através também de olhares, de ouvir coisas, de músicas, enfim. Isso tudo pode se conectar às pessoas assim. Então é isso, acho que o lance de ajudar, né?

Ainda que o evento tenha a duração de poucos dias, a quantidade de atividades e as diferentes ações previstas no cronograma implicam num sentimento de responsabilidade e comprometimento por parte dos integrantes do grupo. A responsabilidade parte do individual para o coletivo, não só com o cumprimento de cronograma, horários e tarefas já previstas relacionadas ao fazer gímnico, mas principalmente com o cuidado consigo mesmo e com os demais colegas, a disponibilidade para a resolução de conflitos e imprevistos. Portanto, a manutenção das relações durante a participação no evento exige um comprometimento compartilhado e uma grande disponibilidade para a cooperação, nas mais diferentes formas que as relações cooperativas podem assumir (Sennett, 2012).

Isto retoma a ideia da “teia de relações” proposta por Arendt (2020) e sua associação com a manutenção de um interesse comum aos integrantes de um grupo, o que impacta no comprometimento e na responsabilidade compartilhada. Este aspecto nos desperta para uma urgência, indicada inclusive por um dos participantes, acerca do quanto a sociedade atual parece estar configurada de forma a dificultar as relações solidárias. Sobre isso, Arendt (Arendt, 2020, p. 65) afirma que “o que torna a sociedade de massas tão difícil de ser suportada não é o número de pessoas envolvido, ou ao menos não fundamentalmente, mas o fato de que o mundo entre elas perdeu seu poder de congregá-las, relacioná-las e separá-las”. Dessa forma, experienciar relações solidárias e positivas está diretamente ligado à construção e à manutenção desse algo comum, que “inter-essa” aos participantes e, portanto, influencia positivamente essa convivência.

Akanni (acompanhante): Mas, quando eu penso no evento e no que eu vivi eu penso nas pessoas, nos laços e como tudo aquilo ali, talvez seja uma grande, uma das melhores desculpas para a gente concretizar coisas que em outros espaços a gente tem naufragado, a gente tem, enfim, falhado intensamente. E ali, 21000 mais ou menos, né? Então, mas eu sentia isso de todos os lados, sobretudo no grupo no qual eu estava. Então, eu não sou muito expansivo, de conversar o tempo todo, mas eu me sentia fazendo parte de algo. Ainda que eu não estivesse ali para me apresentar, eu me sentia como parte de algo. E é isso que eu penso, as relações que eu fiz lá, a intensidade delas. Então, às vezes eu olhava para pessoas e eu ficava emocionado, assim, acho que por tudo.

A experiência no festival também revelou a necessidade do encontro com o outro. Para muitos integrantes do grupo, voltar da WG suscitou novas ideias, demandas e ações em vários aspectos da vida pessoal. Um repensar as prioridades e práticas diárias da comunidade na qual vivemos, ou melhor, com a qual convivemos. Os relatos dos entrevistados mencionam que experiências como essa, apesar de inusitadas, podem resignificar a forma de agir para com o outro, pois oportunizam momentos que exigem dos participantes um forte comprometimento com as demandas do coletivo (Oliveira, 2023). Portanto, experienciar a convivência em grupo, da maneira como ocorre em eventos como a WG, figura uma oportunidade para o exercício do relacionar-se: dialogar, aceitar as diferenças, ser paciente na escuta, acolher os menos aptos. Como bem pontua um dos acompanhantes, temos “naufragado” como sociedade nesses

quesitos, não esta, que Arendt reflete como uma dissolução do “senso comum”, de perda da capacidade de fazer a experiência da realidade mais humana (Arendt, 2020).

Dessa forma, o declínio do “domínio público” afeta diretamente a forma como as pessoas se relacionam e, mais do que isso, a forma como se reconhecem e principalmente reconhecem o outro nessa convivência. No cenário de uma fragilização desse comum, é coerente pensarmos numa certa miopia, ou seja, numa fragilidade que se estende sob a multiplicidade de formas de olhar para o mundo, diversidade que está condicionada à possibilidade deste último ser visto por muitas pessoas, sob diferentes aspectos. Em concordância com Arendt (2020), é a diferença que faz com que tenhamos interesse em algo comum: “O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só se lhe permite apresentar-se em uma única perspectiva” (Arendt, 2020, p. 71). Nesse sentido, a manutenção desse comum depende, segundo a lente arendtiana, da pluralidade, justamente um dos principais traços dos discursos aqui apresentados.

Considerações finais

Este estudo se soma a outros esforços recentes (Corrêa, 2022; Lopes, 2020; Menegaldo, 2022; Oliveira, 2023; Patricio, 2021; Silva, 2020; Wichmann, 2014), aportando evidências que confirmam o potencial da GPT e dos festivais de ginástica no que diz respeito ao desenvolvimento humano e social. Apesar disso, há de se reconhecer que a natureza múltipla da GPT (Menegaldo, Bortoleto & Mateu, 2023) permite que cada grupo organize sua prática de diferentes formas, constituindo uma lógica interna que modula a prática de cada um destes coletivos e, portanto, as condições e possibilidades para o desenvolvimento desta dimensão social – relações humanas e solidárias, cooperação, pertencimento, reconhecimento.

Nesse sentido, ainda que tenhamos indícios de que a experiência aqui descrita muito se assemelha aos relatos de grande parte dos grupos brasileiros em festivais ginásticos desta natureza, é importante mencionar que a experiência de participação em um evento como a WG pode ser também muito distinta da que apresentamos nesta pesquisa, uma vez que é totalmente influenciada pelo perfil de cada coletivo (Menegaldo, Bortoleto & Mateu, 2023), isto é, por suas intencionalidades e objetivos, aspectos que podem variar consideravelmente entre os grupos. Temos, portanto, uma limitação da pesquisa que se dá em função do estudo abordar a experiência de um único grupo, a qual não pode ser – e não é a intenção que seja – generalizada, característica inerente à pesquisa qualitativa e, conseqüentemente, a abordagem fenomenológica.

De todo modo, os dados deixam evidente que as experiências aqui analisadas foram vividas por interesses em comum que envolveram a participação no evento – motivados pela ginástica, pelo turismo, pela formação profissional – e foram dependentes de uma convivência que o próprio festival, a partir de suas atividades, promoveu. Outros estudos podem e devem avançar com relação aos achados desta pesquisa. A realização de investigações com desenhos metodológicos semelhantes junto a outros grupos de GPT poderiam revelar as nuances e as particularidades de outros coletivos quanto a participação na WG e, do mesmo modo, pesquisas sobre a experiência em outros festivais de GPT – como é o caso do *World Gym for Life Challenge*, com propósito distinto da WG – também poderiam contribuir nesta direção. Complementarmente, estudos com desenhos distintos, de natureza quantitativa, podem auxiliar na compreensão deste universo dos festivais, ajudando a situar a experiência destes coletivos estudados mais profundamente.

Ao final, ao adotarmos as lentes de Arendt para discutir as temáticas, nossa ideia foi precisamente refletir acerca das potencialidades de um evento como a WG em relação ao humano, à troca, à pluralidade. Pensar essas potências – que, em nosso tempo mais parecem urgências – se faz necessário na medida em que há uma preocupação com a manutenção de espaços como este, de *inter-resse*, uma vez que sem eles reduzimo-nos à nossa vida privada e afastamo-nos da vida social – do poder ser visto e do poder ser ouvido. Pelo olhar Arendtiano, tornar humanas nossas emoções depende dos momentos em que podemos expô-las (ou, neste caso, performá-las!), debatê-las e compartilhá-las, premissas que foram fortemente reconhecidas e relatadas neste estudo sobre a WG.

Financiamento

Este estudo recebeu apoio financeiro da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

- Arendt, H. (2020). *A Condição Humana*. Forense Universitária.
- Bento, J. O. (2013). Desporto discurso e substancial. Belo Horizonte: Instituto Casa da Educação Física.
- Bento-Soares, D., & Schiavon, L. (2020). Gymnastics For All: Different Cultures, Different Perspectives. *Science of Gymnastics Journal*, 12(1), 5–18. <https://doi.org/10.52165/sgj.12.1.5-18>
- Birt, L., Scott, S., Cavers, D., Campbell, C., & Walter, F. (2018). Member Checking: A Tool to Enhance Trustworthiness or Merely a Nod to Validation? *Qualitative Health Research*, 26(13), 1802–1811. <https://doi.org/10.1177/1049732316654870>
- Bortoleto, M. A. C., Heinen, T., Jun, S., Toledo, E., Schiavon, L., Pasqua, L., Oliveira, M., & Menegaldo, F. (2019). What motivates people to participate in a non-competitive gymnastics' festival? – A case study of world Gymnaestrada. *Science of Gymnastics Journal*, 11(1), 15–22. <https://doi.org/10.52165/sgj.11.1.15-22>
- Bortoleto, M. A. C., & Hutchinson, P. (Orgs.). (2023). *Gymnastics for All: Worldwide experiences*. FIG.
- Buning, R., & Walker, M. (2016). Differentiating Mass Participant Sport Event Consumers: Traditional Versus Non-Traditional Events. *Sport Marketing Quarterly*, 25, 47–58.
- Carbinatto, M. V., & Ehrenberg, M. C. (Orgs.). (2020). *Festival ginástico e isolamento social: Retratos de um evento on-line*. Bagai.
- Carbinatto, M. V., Soares, D. B., & Bortoleto, M. A. C. (2016). Gym Brasil—Festival nacional de ginástica para todos. *Motrivivência*, 28(49), Artigo 49. <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n49p128>
- Coleman, S. J., & Sebire, S. J. (2017). Do people's goals for mass participation sporting events matter? A self-determination theory perspective. *Journal of Public Health*, 39(4), e202–e208. <https://doi.org/10.1093/pubmed/fdw090>
- Corrêa, L. da S. (2022). *“Me apresento pro mundo descortinando a Amazônia”: O entrelaçar da identidade cultural na Ginástica para Todos* [Tese de Doutorado]. Univesidade de São Paulo.
- del Barrio, M. J., Devesa, M., & Herrero, L. C. (2012). Evaluating intangible cultural heritage: The case of cultural festivals. *City, Culture and Society*, 3(4), 235–244. <https://doi.org/10.1016/j.ccs.2012.09.002>
- Fédération Internationale de Gymnastique (FIG). (2019). *Apparatus in Gymnastics for All* (1º ed). Lausanne, FIG.
- FIG News. (2023). *World Gymnaestrada Amsterdam 2023 amazed and united colours*. FIG News. <https://www.gymnastics.sport/site/news/displaynews.php?urlNews=3939852>
- Funk, D., Filo, K., Beaton, A., & Pritchard, M. (2009). Measuring the Motives of Sport Event Attendance: Bridging the Academic-Practitioner Divide to Understanding Behavior. *Sport Marketing Quarterly*, 18(3), 126–138.
- Gajdoš, A., Provaznikova, M., Bednar, K., & Banjak, S. J. (2012). Sokol slets: The essence of gymnastics in Czechoslovakia, Czech and Slovak republic (celebrating 150 years of gymnastics). *Science of Gymnastics Journal*, 4, 73–82.
- Getz, D. (2012). *Event studies: Theory, research and policy for planned events*. Routledge.
- Giorgi, A. (1985). Sketch of a psychological phenomenological method. Em *Phenomenology and psychological research* (p. 8–22). Duquesne University Press.
- Kaimakamis, V., Dallas, G., Stefanidis, P., & Papadopoulos, G. (2011). The spread of gymnastics in Europe and America by pedagogue-gymnasts during the first half of the 19th century. *Sci Gymnastics*, 3, 49–55.
- Koelsch, L. E. (2013). Reconceptualizing the Member Check Interview. *International Journal of Qualitative Methods*, 12(1), 168–179. <https://doi.org/10.1177/160940691301200105>
- Lincoln, Y., & Guba, E. G. (1985). *Naturalistic inquiry*. Sage Publications.
- Lopes, P. (2020). *“A gente abre a mente de uma forma extraordinária”: Potencialidades da pedagogia freiriana no desenvolvimento da Ginástica para todos* [Tese (Doutorado em Educação Física)]. Universidade de São Paulo.



- Mascarenhas, F. (2016). O orçamento do esporte: Aspectos da atuação estatal de FHC a Dilma. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(4), 963–980. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000400963>
- Mattar, M. F., & Mattar, F. N. (2013). *Gestão de negócios esportivos*. Elsevier.
- Mazzei, L., Costa, L. C., Ferreira, S. C., & Gaio, L. E. (2020). Tradução e validação da escala “Orientation Toward a Sporting Event” (OSE) e sua utilização para a paralisação e segurança de eventos esportivos em meio a pandemia COVID-19. *Conexões*, 18, e020035–e020035. <https://doi.org/10.20396/conex.v18i0.8659906>
- Meckbach, J., & Lundquist Wanneberg, P. (2011). The World Gymnaestrada - a Non-Competitive Event: The Concept “Gymnastics for all” from the Perspective of Ling Gymnastics. *Scandinavian Sport Studies Forum*, 2, 99–118.
- Menegaldo, F. R. (2022). *A dimensão social da Ginástica para Todos: O que move as relações no interior dos grupos de prática?* [Tese (Doutorado em Educação Física)]. Universidade Estadual de Campinas.
- Menegaldo, F., & Coelho Bortoleto, M. A. (2022). Uma nova razão de mundo: ensaio sobre as potencialidades da ginástica para todos frente à racionalidade neoliberal. *Revista Didática Sistêmica*, 24(1), 130–142. <https://doi.org/10.14295/rds.v24i1.13903>
- Menegaldo, F. R., Bortoleto, M. A. C., & Mateu, M. (2023). The artistic-expressive dimension of gymnastics for all. *Science of Gymnastics Journal*, 15(2), Artigo 2. <https://doi.org/10.52165/sgj.15.2.257-268>
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da Percepção* (C. A. R. de Moura, Trad.; 5ª ed). WMF Martins Fontes.
- Moss, J., Whalley, P., & Elsmore, I. (2019). Phenomenological psychology & descriptive experience sampling: A new approach to exploring music festival experience. *Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events*, 12(1), 1–19. <https://doi.org/10.1080/19407963.2019.1702627>
- Oliveira, M. F. (2023). *Mulher, não te deixes castrar: de Freire às Coras pela Ginástica para Todos*. [Tese (Doutorado em Educação Física)]. Universidade Estadual de Campinas.
- Paoliello, E., Toledo, E., Soares, D. B., Almeida, T. L., Moura, C., Desiderio, A., Carbinatto, M. V., Lopes, C. G., Tucunduva, B. B. P., & Bortoleto, M. A. C. (2016). Participation of the Pan-american Gymnastics Union in the 2011 World Gymnaestrada. *Science of Gymnastic Journal*, 8, 71–83.
- Patricio, T. L. (2021). *Ser no mundo e Ser com outro: Experiências vividas em um festival de ginástica* [Tese (Doutorado em Ciências)]. Universidade de São Paulo.
- Patricio, T. L., Bortoleto, M. A. C., & Carbinatto, M. V. (2016). Festivais de ginástica no mundo e no Brasil: Reflexões gerais. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, 30(1), Artigo 1. <https://doi.org/10.1590/1807-55092016000100199>
- Patricio, T. L., & Carbinatto, M. V. (2023). Lived Experience in Gymnastics: Festivals and its memorable moments. Em M. A. C. Bortoleto & P. Hutchinson (Orgs.), *Gymnastics for All: Worldwide experiences*. FIG.
- Pfister, G. (2010). Cultural confrontations: German Turnen, Swedish gymnastics and English sport – European diversity in physical activities from a historical perspective. *Culture, Sport and Society*, 6, 61–91. <https://doi.org/10.1080/14610980312331271489>
- Randolph, S. V., Gervásio, F. M., Rufino, T. A., & Oliveira, M. F. de. (2024). A contribuição da ginástica para todos no desempenho motor e ganhos psicossociais de mulheres idosas participantes do grupo Cignus. *Cuadernos De Educación Y Desarrollo*, 16(10), e5772. <https://doi.org/10.55905/cuadv16n10-021>
- Roubal, P. (2003). Politics of Gymnastics: Mass Gymnastic Displays Under Communism in Central and Eastern Europe. *Body & Society*, 9(2), 1–25. <https://doi.org/10.1177/1357034X030092001>
- Schwartz, K. H. (2006). *History of General Gymnastics*. Lausanne, FIG.
- Sennett, R. (2012). *Together: The Rituals, Pleasures and Politics of Cooperation*. Yale University Press.
- Silva, H. M. R. da, Menegaldo, F. R., Almeida, T. L., & Bortoleto, M. A. C. (2021). O processo de esportivização das práticas ginásticas: Particularidades da ginástica para todos. *Acción Motriz*, 26, 52–63.
- Silva, F. de S. (2020). *Contribuições da Ginástica para Todos para o desenvolvimento das relações sociais em idosos* [Dissertação (Mestrado em Educação Física)]. Universidade Estadual de Campinas.
- Soares, D. B., & Marconi Schiavon, L. (2022). Gym for Life Challenge: reflexões sobre sucesso na ginástica para todos. *Revista Didática Sistêmica*, 24(1), 143–156. <https://doi.org/10.14295/rds.v24i1.13905>



- Sobreira, V., Nista-Piccolo, V. L., & Moreira, W. W. (2020). A ciência do Desporto na perspectiva de Jorge Bento para a formação de professores de Educação Física. *Olhares e Trilhas*, 22(2).
- Sokolowski, R. (2014). *Introdução à fenomenologia* (4ª ed). Edições Loyola.
- Stenhouse, L. (1975). *An introduction to curriculum research and development*. Heinemann.
- Schutz, A. (1962). *Collected Papers: The problem of social reality*. The Hague: Martinus Nijhoff.
- Toledo, E., Tsukamoto, M., & Carbinatto, M. V. (2024). Fundamentos da Ginástica para Todos. In: Nunomura, M. *Fundamentos das Ginásticas*. Fontoura, Varzea Paulista.
- Wann, D. L., Grieve, F. G., Zapalac, R., & Pease, D. G. (2008). Motivational Profiles of Sport Fans of Different Sports. *Sport Marketing Quarterly*, 17(1), 6–19.
- Wichmann, A. (2014). *Sports tourism participation at the World Gymnaestrada: An expression and experience of community and identity* [PhD Thesis]. University of Brighton.
- Wichmann, A. (2015). Participating in the World 'Gymnastics For All' Festival, the Gymnaestrada: A Celebration of a Dialogical, Episodic-Perpetual Identity. In: Merkel, U. (eds) *Identity Discourses and Communities in International Events, Festivals and Spectacles. Leisure Studies in a Global Era*. Palgrave Macmillan, London. https://doi.org/10.1057/9781137394934_12
- Wichmann, A. (2017). Participating in the World Gymnaestrada: An expression and experience of community. *Leisure Studies*, 36(1), 21–38. <https://doi.org/10.1080/02614367.2015.1052836>
- Wichmann, A. (2020). From Everyday Life into the Liminoid and Back Again. Em I. R. Lamond & J. Moss (Orgs.), *Liminality and critical events studies: Borders, boundaries, and contestation*. Palgrave Macmillan.
- Wichmann, A., & Jarvis, N. (2014). Commitment, expertise and mutual recognition: Oscillating sports tourism experiences of performing and watching at the World Gymnaestrada. *Journal of Sport & Tourism*, 19(3–4), 257–280. <https://doi.org/10.1080/14775085.2015.1124797>
- Wichmann, A., Menegaldo, F. R., & Bortoleto, M. A. C. (2023). Gymnastics for All and human development. Em M. A. C. Bortoleto & P. Hutchinson (Orgs.), *Gymnastics for All: Worldwide experiences*. FIG.
- Ziakas, V., & Boukas, N. (2013). Extracting meanings of event tourist experiences: A phenomenological exploration of Limassol carnival. *Journal of Destination Marketing & Management*, 2(2), 94–107. <https://doi.org/10.1016/j.jdmm.2013.02.002>

Dados dos/as autores/as e da tradutora:

Tamiris Lima Patrício
Fernanda Raffi Menegaldo
Marco Antonio Coelho Bortoleto
Michele Viviane Carbinatto
Thalita Guimarães

tamirislima@alumni.usp.br
fernandaraффimenegaldo@gmail.com
bortoleto@fef.unicamp.br
mcarbinatto@usp.br
tgs.thalita@gmail.com

Autora
Autora
Autor
Autora
Tradutora